

GÊNERO E SEXUALIDADE

Para crianças e adolescentes em situação de rua, a sexualidade é normalmente descoberta a partir da referência de colegas que estão na rua há mais tempo, assim como através de experiências e/ou abusos perpetrados por outros adolescentes e adultos, inclusive no ambiente familiar. No geral, a sexualidade de crianças e adolescentes em situação de rua é reduzida ao ato sexual, tido como algo positivo, prazeroso e como uma das coisas boas da vida nas ruas. O fato de estarem nas ruas não impede o sexo e as trocas de favores sexuais envolvendo meninas e meninos são comuns, sendo drogas e dinheiro as recompensas habituais nestes casos (MEDEIROS et al., 2001). Comportamentos precoces, com práticas sexuais consentidas ou não, fazem parte da dinâmica de vida desses sujeitos e não parece existir um tabu sobre o tema. A troca de parceiros ocorre com frequência e com certa naturalidade. O uso de métodos contraceptivos e de preservativos, porém, não costuma ser frequente, o que dificulta a prevenção da gravidez e das doenças sexualmente transmissíveis (NOGUEIRA; BELLINI, 2006). Em alguns casos, o sexo aparece como um fator fundamental para a construção das identidades masculinas e femininas. Saber mais sobre sexo parece garantir a circulação de crianças e adolescentes pelo “mundo adulto”, baseado no exercício ativo e valorizado da sexualidade (CALAF, 2007). Todavia, o comportamento sexual “mais livre” das mulheres é visto com preconceito mesmo nesses contextos (SCHWONKE, 2006). Esta leitura faz sentido quando consideramos que as relações de gênero entre aqueles em situação de rua são construídas e significadas dentro de contextos sociais e históricos. É possível identificar interpretações tradicionais e/ou conservadoras de gênero, presentes no imaginário social, nos discursos daqueles em situação de rua. O trabalho, a proteção à parceira, a função de provedor moral e material, a comprovação da virilidade e a dissociação entre sexo e reprodução se mostram elementos existentes na base da construção da masculinidade. Já a afetividade, a reflexividade e o cuidado são elementos associados a feminilidade. Essas construções parecem mais fortes quando se referem ao futuro e aos ideais de vida, mas parecem relativizar-se nas relações vividas, sem que isso seja racionalmente percebido pelos jovens (GONTIJO; MEDEIROS, 2009). As próprias mulheres parecem reproduzir esse imaginário social e, em sua maioria, expressam que a mulher é destinada a maternidade e que ela prefere permanecer no espaço privado. Ainda mais complicado é quando as próprias instituições voltadas para seu atendimento e acolhimento institucional reproduzem esta lógica, distribuindo tarefas domésticas apenas entre as meninas e ofertando estruturas e cursos condizentes com o “universo feminino” a elas (RODRIGUES, 2009).